

# Divisão sexual dos brinquedos infantis: uma reprodução da ideologia patriarcal

Antônia Camila de Oliveira Nascimento<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo é parte de um trabalho monográfico, realizado na universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Neste estudo, levamos em consideração os determinantes materiais e ideológicos do patriarcado na definição dos brinquedos. Nesse sentido, apoiamos-nos nas categorias: Ideologia, patriarcado, gênero, consciência e divisão sexual do trabalho. Para a coleta dos dados utilizamos como instrumento a entrevista, contendo um roteiro de perguntas semiestruturadas. Diante disto, podemos perceber que os brinquedos não são simplesmente sinônimos de brincar, mas também de representações ideológicas de uma cultura que separa homens e mulheres atribuindo-os papéis sociais determinados segundo o sexo.

## Palavras-Chaves

Ideologia; Patriarcado; Brinquedos infantis.

## Sexual division of children's toys: a reproduction of patriarchal ideology

### Abstract

This article is part of a monographic study, conducted at the University of Rio Grande do North-UERN. In this study, we take into account the material and ideological determinants of patriarchy in the definition of toys. Accordingly, we rely on categories: Ideology, patriarchy, gender awareness and sexual division of labor. To collect the data we used the interview as an instrument containing a script of semi-structured questions. Given this, we can see that the toys are not simply synonyms of play, but also the ideological representations of a culture that separates men and women by assigning them social roles determined by sex.

### Keywords

Ideology; Patriarchate; Toys

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a expressão da ideologia patriarcal nos brinquedos infantis, levando em consideração os determinantes materiais e ideológicos do patriarcado na definição dos brinquedos, o que contribui para a cristalização dos significados dominantes sobre os gênero (feminino e masculino). Acreditamos que os sujeitos são ideologicamente cerceados desde a infância, “treinados” desde cedo para assumirem papéis sociais, de acordo com sexo.

Desta forma, as representações ideológicas dominantes presentes nos brinquedos possibilitam usos que se destinam a instituir significados para que as crianças reproduzam os papéis socialmente estabelecidos.

Enquanto a criança se apropria e usa os brinquedos disponibilizados e referendados pelos adultos, ela está acionando valores socialmente definidos como masculino e feminino, ao tempo em que dramatiza as próprias vivências de gênero, ou seja, introjeta facetas de uma cultura que separa homens e mulheres, atribuindo-lhes valores sociais dominantes.

Considerando a influência dos brinquedos como fator significativo na reprodução da ideologia patriarcal na infância, a presente pesquisa permitiu analisar a influência dos brinquedos nesta estruturação, tendo em vista que papéis de gênero e comportamentos são materializadas em brinquedos, criando valores socialmente aceitos como verdades “absolutas”.

Em nossa pesquisa adotamos o materialismo histórico dialético, tendo em vista que o mesmo possibilitou compreender o objeto numa relação profundamente ligada à divisão de classes e a forma particular como a classe dominante difunde suas ideias, tornando-as universais. Daí a importância desse método, posto que o mesmo busca não somente conhecer a realidade, mas compreendê-la para transformá-la.

Nesse sentido, nossa pesquisa é pautada numa perspectiva de totalidade no trato com o objeto, numa dimensão dialética do conhecimento, vislumbrando a apreensão da realidade “para além da aparência e da causalidade dos fenômenos, em suas íntimas conexões internas, nas quais se autodeterminam” (CISNE, 2013, p. 37).

Para a realização desse estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, tendo em vista que a mesma constitui uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito formando um vínculo indissociável entre ambos, a qual não pode ser traduzida em números.

Para a coleta dos dados, utilizamos como instrumento a entrevista, contendo um roteiro de perguntas semiestruturadas, que proporcionou aos entrevistados(as) falarem livremente a respeito do tema abordado. Também utilizamos a pesquisa de imagem, no qual tivemos a oportunidade de fotografar departamentos de brinquedos infantis, para que, assim, pudéssemos fazer uma análise comparativa de como os brinquedos estão organizados e divididos entre “brinquedos de menina e brinquedos de meninos”. As informações obtidas foram registradas por meio de gravação, com livre consentimento do(a) entrevistado(a), e assinatura de termo de consentimento livre esclarecido. A análise desse conteúdo coletado na pesquisa nos possibilitou desvelar a ideologia subjacente que orienta as representações simbólicas e materiais expressos nos brinquedos.

Nesse estudo, procuramos analisar a expressão da ideologia patriarcal presente nos brinquedos infantis, levando em consideração os determinantes materiais e ideológicos do patriarcado na sua definição, o que contribui para a cristalização dos significados dominantes sobre o gênero (feminino e masculino). Também relacionamos a educação sexista com os brinquedos infantis, procurando mostrar que estes assumem um papel na reprodução das desigualdades nas relações sociais entre homens e mulheres. Ainda fizemos uma análise reflexiva das falas das entrevistadas, procurando mostrar a percepção destas acerca dos brinquedos, possibilitando desvendar, por meio dos discursos, as representações ideológicas que sustentam e afirmam facetas de uma cultura que separa homens e mulheres. Por fim, fizemos uma análise interpretativa das imagens fotográficas coletadas na pesquisa de campo, no intuito de mostrar as representações ideológicas e materiais presentes nos brinquedos infantis, que os separam entre “brinquedos de meninas” e “brinquedos de meninos”.

### **Brinquedos infantis: a reprodução da ideologia patriarcal**

Os brinquedos disponibilizados e referenciados pelos adultos para as crianças são carregados de valores e preconceito da cultura patriarcal. Por exemplo, muitos pais não permitem que seus filhos brinquem com brinquedos que não são “adequados” ao seu gênero e proíbem que os meninos brinquem com bonecas. Incorporam, assim, no cotidiano das crianças, os brinquedos que são destinados às meninas e aqueles destinados aos meninos, simbolizando os papéis hierárquicos entre homens e mulheres, no qual o masculino exerce a dominação sobre feminino.

Nessa perspectiva, “desde a infância meninas e meninos recebem uma educação sexista” (CISNE, 2012, p 160). Educação sexista entendida aqui, não apenas

como aquela que diferencia homens e mulheres, mas que transforma diferenças em desigualdades sociais naturalizadas como algo definido biologicamente pelos sexos. E, no tocante aos brinquedos, estes são assimilados aos papéis conservadores de gênero. casinhas, jogos de panela, pratos, vassouras, bonecas similares a bebês reais expressam atividades reprodutivas exercidas majoritariamente por mulheres. Enquanto os brinquedos para meninos estão associados ao espaço público e não mantém nenhuma relação com a paternidade, tampouco com as atividades domésticas. Nesse sentido, os brinquedos possuem uma carga ideológica patriarcal que assume, na socialização das crianças, um papel na reprodução das desigualdades nas relações sociais entre homens e mulheres.

### Educação sexista e os brinquedos infantis

A desigualdade entre homens e mulheres, historicamente naturalizada nas relações sociais, encontra-se na educação sexista um suporte ideológico para sua reprodução cotidiana. Um fio condutor que possibilita a construção desse arranjo assimétrico entre os sexos reside nas explicações, presumidas nos supostos determinantes biológicos, ou melhor, na essência do que é considerado “feminino” e “masculino” que justifica e determina, à luz dos pensamentos sexistas, as “habilidades, qualidades, profissões, brinquedos ou espaço ditos de homem ou de mulher” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 61). Nesse sentido, utilizam-se dos determinantes biológicos, em seus aspectos físicos, psíquicos e comportamentais, para justificar diferentes habilidades sociais, talentos e aptidões e impor um lugar de gênero na sociedade patriarcal-capitalista.

Questionar essa dicotomia, que separa homens e mulheres, atribuindo papéis, de acordo com o sexo, é perceber que as representações do “feminino” e do “masculino”, não são determinadas biologicamente, mas sim, pelas relações sociais. Nesse sentido, a educação de meninos e meninas tem um papel basilar na formação de valores e da cultura de gênero, construídos essencialmente por meio das instituições como família, igreja e escola. Como nos aponta Cisne e Brettas: “essas instituições alimentam um conjunto de valores conservadores sobre o comportamento de homens e mulheres - engendrado por meio da educação familiar, religiosa e escolar [...]” (2009, p. 61).

É na família que se inicia a “domesticação” de meninas e meninos, e assim vão sendo desenhados os papéis do que é ser homem ou mulher, nomeados a partir de supostas diferenças biológicas, determinando um lugar como referência, na cultura hegemônica patriarcal, que cria relações materiais e representações

simbólicas do lugar do homem e da mulher na sociedade, imputando posições que estes devem assumir de acordo com o sexo, afirmando, assim, a suposta “diferença natural” para estabelecer atribuições e deveres, considerados “femininos ou masculinos”. Nesse sentido, é no seio familiar que começam a se delinear os espaços que determinam o que cada um pode ou não pode fazer.... O que, na maioria das vezes, resulta em preconceitos distorcidos da realidade. Desse modo, vaisendo construído o que é considerado “coisa de menina” ou “coisa de menino” separando assim, os brinquedos, as cores, as roupas, os espaços, dentre outras.

Nessa perspectiva, desde o nascimento, meninas e meninos (ou mesmo anteriormente a isto) são cerceados a assumirem papéis por meio das definições do “masculino” e do “feminino”, como afirma Cisne e Brettas:

A construção do que devemos ser como homens ou mulheres inicia-se anteriormente ao nosso nascimento. Isso se processa desde as mais simples definições do que é masculino ou feminino. A cor do enxoval e os brinquedos do quarto do bebê, escolhidos segundo o sexo, vêm acompanhados da definição das qualidades sociais e posturas que cada um (a) deve corresponder para ser bem aceito(a) socialmente e caracterizado (a) como “normal” (2009, p. 65).

Assim, é com a família que a criança tem seu primeiro contato com as relações sociais, o que é determinante para as manifestações da primeira forma de consciência desses sujeitos, posto que é nessa instituição, a priori, que são internalizados valores, princípios e preconceitos da cultura patriarcal-capitalista, na qual são construídas as desigualdades entre homens e mulheres.

A escola, por sua vez, também “vem ratificar, desde a educação infantil, toda a construção simbólica do feminino e do masculino iniciada na família” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 67). Isso decorre do fato da escola ser uma “fábrica” de formação dos indivíduos. É nesse espaço formal que opiniões, comportamentos e posturas são fortalecidos, fazendo com que as crianças façam uma leitura do mundo, muitas vezes, embebida da ideologia patriarcal dominante.

Nesse sentido, a escolalegitima as possíveis diferenças atribuídas ao “feminino” e ao “masculino”, seja por meio da linguagem dos livros didáticos, seja pelos tratamentos diferenciados que alguns/algumas professores(as) destinam às crianças, de acordo com o sexo, indicando um reforço ainda maior da desigualdade entre os sexos. É nesse sentido que as autoras supracitadas referem-se aos livros infantis escolares:

Assim, os contos e estórias infantis, e até mesmo livros de história, costumam apresentar os homens como heróis, fortes guerreiros, príncipes corajosos (brancos e ricos). São eles que libertam e salvam as “frágeis” princesas [...]. Com isso, no máximo, as mulheres aparecem como “musas inspiradoras” de homens, estes sim, sujeitos de sua própria história. (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 68).

Nesse prisma, as literaturas infantis e os livros didáticos costumam trazer em seu contexto os significados e representações do feminino e do masculino, nos quais, o homem vem como uma figura de guerreiro, forte e valente, e a mulher como frágil, delicada e dócil, a qual sempre fica a espera de seu príncipe, seu herói. Dessa forma, o homem aparece aí como personagem principal da história, e a mulher como simples coadjuvante. E tudo só acontece pela postura do “guerreiro forte” que constrói a sua própria história de vida. Sobre os livros didáticos, afirma Louro (1997, p.79):

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres.

Nos livros didáticos, é comum a apresentação de imagens de meninas brincando com sua casinha e cuidando da sua boneca-bebê. Já os meninos aparecem com carrinhos, bolas, armas que reforçam sua liberdade, autonomia, força e independência. Com as meninas, os brinquedos considerados educativos, ofertados, tanto na escola, como pelos pais, tem um caráter intimamente relacionado com as tarefas domésticas e atividades ou mesmo profissões extensivas a tais tarefas. Em outras palavras, os brinquedos estão associados à lógica patriarcal que rege a divisão sexual do trabalho e dos brinquedos a ela correlacionada. No caso, os brinquedos considerados de meninas, tem um papel representativo na construção de sua identidade e posicionamento na sociedade, tendo em vista que estes são associados ao cuidado com os filhos, a ser dona de casa, estimulando-as a serem passivas e obedientes aos seus futuros maridos, na medida em que são treinadas para serem boas cuidadoras do lar, por meio do cuidado com a cozinha, utensílios domésticos, troca de fraldas e mamadeiras e passeios com suas bonecas-bebês. Já com os garotos, os brinquedos tidos como

de “meninos”, como carrinhos, aviões, barquinhos, bonecos heróis e guerreiros, monstros e “jogos eletrizantes” e de raciocínio lógico, são associados à criatividade, à aventura e ao desenvolvimento de habilidades.

Isso também é percebido nas disciplinas escolares, posto que é repassado ideologicamente que os meninos têm maior domínio com matérias que envolvem cálculos matemáticos. Já as meninas teriam mais habilidade com as disciplinas de ciências humanas. Esse pressuposto acaba sendo naturalizado e as crianças começam absorver tais ideias, o que, muitas vezes, reflete na sua escolha profissional. Meninos “optam” mais por profissões que envolvem cálculos, como é o caso das engenharias. Enquanto as meninas acabam “optando”, em sua grande maioria, por profissões vinculadas à reprodução social, como de Pedagogia, Enfermagem e Serviço Social.

A igreja também contribui com a produção e reprodução de princípios, (des)valores e preconceitos que reforçam a dominação e o controle das mulheres por meio de ensinamentos de cunho conservador, preconceituoso e estigmatizante que acabam, por vezes, estimulando o ódio e o desamor entre as pessoas, já que muitas não são aceitas, por fugirem aos padrões e doutrinas da igreja. Segundo Toledo (2001, p. 68) “[...] as religiões em geral cumprem um papel decisivo na manutenção e propagação da ideia da mulher como “sexo frágil” e “ser inferior”, ajudando a mantê-la subjugada e oprimida”. O ensinamento religioso destinado às meninas acaba reforçando a submissão das mulheres, já que é ensinado que as mulheres devem respeitar as decisões do “cabeça da casa”, devendo ser “valorosas” no cuidado com os filhos e o marido. Enquanto aos meninos, é ensinado que esses são os provedores da família, tendo que assegurar o sustento da casa. Tudo isso acaba por acionar na mente das “crianças” comportamentos e atitudes que remetem a distinção e desigualdades segundo o sexo, internalizando ideias que homens e mulheres são diferentes dentro das relações sociais, e, portanto, devem assumir papéis distintos.

Diante do exposto, faz-se necessário questionar a base de sustentação da desigualdade entre homens e mulheres que é respaldada pelo sistema capitalista, o qual vem ao encontro desses estereótipos, reforçando, em prol de seus interesses, a desigualdade na divisão sexual do trabalho, bem como, contribuindo para a consolidação das diferenças entre homens e mulheres, por meio da distinção no espaço de trabalho, diferenças salariais e inferiorização do trabalho feminino, que é relegado ao segundo plano. Nessa perspectiva, o sistema capitalista se apropria da educação sexista para manter sua produção e reprodução por

meio das desigualdades de gênero, afirmando a lógica da subalternização do trabalho feminino, aprofundando a dominação e exploração das mulheres. Desse modo, não basta somente questionar as “questões de gênero” na sociedade, mas também desvelar a raiz do problema, que reside na divisão entre classes e na divisão sexual do trabalho a ela associada. Por isso, é necessária a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, que garanta a emancipação das mulheres. Para que isso seja possível é preciso desconstruir socialmente os ditames da educação sexista, em prol da ruptura com essa sociedade e consolidação de uma nova sociedade, pautada na igualdade e liberdade entre ambos os sexos. “Tem-se, portanto, que perceber a necessidade de ruptura com esta ordem para alcançar a emancipação” (CISNE e BRETTAS, 2009, p. 74).

### **“Brinquedos de meninos e meninas”: o que pensam as mães?**

Como dito anteriormente, os brinquedos disponibilizados pelos adultos às crianças possuem uma carga ideológica de significados de uma cultura que separa hierarquicamente homens e mulheres, atribuindo valores sociais dominantes. Ao eleger os brinquedos segundo o sexo, os pais, acabam por acionar valores socialmente definidos como masculino e feminino. Assim, podemos entender os brinquedos como um sistema de significados não apenas para aqueles que os utilizam, mas também para os que os difudem.

Nesse prisma, a pesquisa buscou realizar uma análise da fala das entrevistadas como forma de compreender e problematizar a construção social das relações de gênero na sociedade patriarcal-capitalista. Foram entrevistadas mães que estavam comprando brinquedos para os (as) seus/suas filhos(as) em algumas lojas no *West Shopping*, localizado na cidade de Mossoró-RN<sup>2</sup>. Das 05 (cinco) mães que foram entrevistadas, todas tinham idade entre 34 a 47 anos. Todas residem em Mossoró, contudo três são naturais de outras cidades: Assu/RN, Patú/RN e Alcantil/PB. Em relação à religião, todas responderam que são católicas. No que concerne à raça, três responderam que se consideram Brancas e duas pardas. As entrevistadas possuem diferentes níveis de escolaridade, indo desde o ensino médio incompleto até a pós-graduação completa. No que diz respeito à profissão, variam entre dona de casa, secretária, auxiliar administrativa e professora com pós-doutorado.

Vale ressaltar que para preservar a identidade das entrevistadas, atribuímos nomes de bonecas as mesmas, preservando o anonimato que nos comprometemos a garantir no ato das entrevistas.

Diante das falas das entrevistadas, podemos perceber como é constituída essa teia de significados atribuídos aos brinquedos referentes às representações de gênero. A partir dos dados obtidos nas entrevistas, pudemos perceber que os pais levam em consideração o sexo dos (as) filhos na escolha dos brinquedos. Ao perguntar para uma das entrevistadas se ela percebe diferença entre “brinquedo de menina” e “brinquedos de menino”, obtivemos a seguinte resposta:

Tem sim, eu acho que menina tem muito mais feminilidade, algo mais delicado, algo mais cheio de pecinhas, de... não sei nem explicar certo a palavra. São mais delicadas. Meninos são mais radicais, né? E já são a maioria deles algo um pouco mais avançado, né? O meu, por exemplo, tem 3 anos e ele já escolhe esses brinquedos de transforme, de navios, alguma coisa que já é bem mais equipado. Uma menina de 3 anos, por exemplo, eu estou levando pra minha sobrinha, ela ver aquela coisinha bem mais delicada, bem menininha mesmo. (POLLY).

Diante da fala da entrevistada, percebe-se que os pais levam em considerações supostas diferenças entre “coisa de menina” e “coisa de menino”, na escolha dos brinquedos, atribuindo essa “separação” às características como fragilidade, delicadeza docilidade, para as meninas e força, coragem aventura, criatividade, entre outras para os meninos. O que nos leva a entender que, na opinião da mãe entrevistada, os meninos desenvolvem o intelecto mais rápido que as meninas, posto que os brinquedos oferecidos para os meninos seriam mais “avançados” e “equipados”. Já para as meninas, os brinquedos seriam mais delicados, devido a sua “feminilidade”, “algo cheio de pecinhas”, bem “menininha mesmo”. Percebe-se que os pais comprem os brinquedos tipificados, tendo em vista que estes relacionam essas “diferenças” na essência do ser homem ou mulher. Como aponta a entrevistada: “[...] eu não daria uma boneca para o meu filho de jeito nenhum. Na escolha dos brinquedos eu considero o sexo sim” (POLLY).

Nesse sentido, os pais reproduzem nas crianças estereótipos de uma cultura assimétrica que institui a identidade do feminino e do masculino. É mister salientar que os pais expressam apreensões da ideologia patriarcal, fazendo com que estes selecionem os brinquedos, que já são tipificados nas lojas, relacionando-os aos comportamentos e características que possam representar os sexo dos seus filhos(as). Assim, cremos que a “escolha” dos brinquedos pelas crianças, guarda, muitas vezes, uma influência da educação sexista, que induz, ou, no mínimo, estimula as crianças a “optarem” por seus brinquedos, de acordo com o sexo.

Quando a escolha dos brinquedos pelas crianças não corresponde ao que é esperado pela cultura patriarcal, muitas são reprimidas. Nas entrevistas, quando questionadas se deixariam os filhos brincarem com bonecas ou outros brinquedos considerados de meninas, as mães responderam:

Deixo não, não porque eu fico brigando, dizendo que é coisa de menina, aí eu digo vá brincar com o velocipe [sic], com o boneco, com a bola, mas ele roda, roda pra mexer lá pra brincar lá, mas eu não quero que ele brinque não (SUSI).

Não, se for um brinquedo unissex que não seja uma boneca, que não seja um carrinho da Barbie tudo bem, mas... (POLLY)

Apenas uma das entrevistas teve uma resposta diferenciada na concepção e escolha dos brinquedos para os seus filhos:

[...] eu tenho uma filha de 8 anos e tenho um menino de 4 anos, porém eles brincam muito juntos, entendeu? Tanto assim, juntam a casinha, cada um tem uma casinha, ele com os bonequinhos, ela com as bonecas, e vice-versa. Eu procuro sempre deixar eles interagirem, ter uma troca, mesmo que a sociedade, já é cultural, tem aquela coisa homem é de homem, mulher é de mulher. Eles brincam com brinquedos de meninas e vice-versa. Não direcionado pra boneca porque é assim, tem brinquedos de menina que não vejo problema nenhum os meninos brincarem e vice-versa. Um exemplo, bolas, se você for pegar uma bola tem personagens, por exemplo, da Barbie, mas é uma bola, então, qual é o problema do meu menino, da minha menina, do meu filho, da minha filha, se eles estão brincando juntos, independente se a bola ser direcionada pra menino e pra menina, assim é o carro também. Como é que vou explicar, olha, né? O carro é cor de rosa pra mulher e verde ou outra cor pra homem. Não, independente disso, minha filha brinca de moto, motinha pequena que meu menino tem, porque? Porque a sociedade lá fora quer que mulher anda de moto, então, pra não causar uma confusão na cabeça deles, tem coisa que a gente tem que tentar trabalhar desde pequeno pra que não, sei lá, afetar psicologicamente o desenvolvimento deles (July).

As demais mães entrevistadas que têm menino e menina, assumem que não deixam seus filhos brincarem com bonecas, mas dizem que as meninas até podem brincar com os brinquedos de meninos.

A menina brinca com todos os brinquedos deles, eu não proíbo, não proíbo termos assim... termos assim... por causa assim...bola todos os dois lados jogam, já como velocípede [sic], todos os dois andam, né? Deixa eu ver... é! Tanto a bola, o velocípede [sic], bicicleta, já a boneca, a casinha de boneca, já eu não gosto porque eu vejo assim, mais femininos, mais meninas do que pra meninos. Na brincadeira todos podem brincar de tudo, menos se envolver brinquedos que eu considero femininos, tipo fogãozinho, panelinha, bonequinha, mas brincadeiras no geral não tem problema não [...] (SUSI).

Ela brinca, mas ele não brinca com brinquedos de meninas. Ela brinca com os brinquedos dele, mas ele não brinca com os brinquedos dela. (BARBIE).

Essas refrações da cultura patriarcal presentes nas falas acabam por atribuir sentidos na mente das crianças, influenciando no modo de agir, pensar e comportar-se em relação sua própria sexualidade, postura e atitudes diante do sexo oposto. Além disso, os papéis sexuais ressignificados nos brinquedos e referenciados pelos pais, influenciam, sobremaneira, no comportamento e atitudes das crianças, no momento que elas são ensinadas a agirem de acordo com o sexo pautado numa lógica essencialista que naturaliza desigualdades, estereótipos e hierarquias. Por exemplo, alguns pais demonstram em seu discurso que as meninas são delicadas, meigas e carinhosas. Enquanto aos meninos são tidos como mais “diferentes”, ativos e competitivos. Tal comportamento sexista contribui para cristalizar a distinção de papéis e reforçar a suposta inferioridade da mulher e poder do homem.

As falas indicam que os pais educam meninas e meninos de forma diferenciada, atribuindo significados e valores sexistas aos brinquedos que são disponibilizados para suas filhas e filhos. Na medida em que separam os brinquedos, tipificando-os como “de menina” ou “de menino”, acabam estabelecendo uma relação assimétrica entre as crianças, contribuindo para que esses acreditem que realmente eles são naturalmente diferentes em todos as esferas da vida, e que devem assumir sua posição de homem ou mulher, segundo os preceitos patriarcais. Como nos afirma Cisne e Brettas (2009, p.66). “As meninas são educadas para serem frágeis, calmas, emotivas, submissas [...]. Os meninos, ao contrário, são educados para serem fortes, viris, dominadores, para ocuparem o espaço público-político [...]”

Notadamente, os brinquedos instituem significados para que as crianças reproduzam os papéis socialmente estabelecidos. Os brinquedos permitem que

as crianças dramatizem as vivências do cotidiano, de forma que reproduzam e recriem situações da vida, acionando valores sociais da cultura hegemônica. Nesse sentido, os significados embutidos nos brinquedos, atuam na construção de referências do ser homem ou mulher. Essa questão se torna explícita na fala de uma das entrevistas, quando é perguntado se ela acha que deve existir uma distinção entre brinquedo de menina e brinquedo de menino, ela expõe seu comportamento sexista:

Eu acho que sim, até pela questão da própria sexualidade, né? Eu acho assim, ainda vamos assim, dizer, sou a favor da família tradicional. Eu acho que menina tem que brincar com brinquedos de menina, usando sua feminilidade, sua delicadeza. (POLLY).

Na fala, a entrevistada deixa transparecer que em sua opinião, os brinquedos podem influenciar na sexualidade, sugerindo que meninos que hoje brincam de bonecas podem ser os gays de amanhã. O relato da entrevistada reflete os estereótipos de uma cultura heterocêntrica. Nas falas, as entrevistadas relacionam os brinquedos e a sexualidade. Quando é perguntado se elas permitiriam que seus filhos brinquem com bonecas ou outros brinquedos considerados de meninas. Foi respondido: “Eu não gostaria” (risos) (SANDY). Questionamos: E se ele perdeu? E as respostas foram as seguintes: “Não, eu não dava não.” (SANDY). “Eu não daria uma boneca para o meu filho de jeito nenhum.” (POLLY). “Dou não, mas eles querem brincar, e eu não deixo.” (SUSI).

Os discursos que permeiam as falas das entrevistadas demonstram que estas buscam manter as “diferenças”, estabelecendo relações desiguais de poder e responsabilidades entre homens e mulheres. Tudo isso acaba por reforçar a ideia que homens não têm obrigação com as atividades domésticas, cuidado com os filhos, e com a limpeza da casa, o que contribui com ideias machistas como “lavar louça é coisa de mulher”. Dessa forma, aos meninos é apresentado brinquedos que “estimule” a criatividade, o domínio, a autonomia, liberdade, tendo em vista que eles são educados para serem os dominadores, e ocuparem o espaço público por meio da inserção no mundo da produção, e participação nas decisões políticas.

Em outra fala podemos perceber a questão dos brinquedos vinculados aos papéis sociais baseados no sexo:

[...] os brinquedos de meninas, eu acho, eles estão muito ligados, geralmente para o cuidado, por exemplo, você vê muito bebezinho, muito bonequinha com roupinha pra você arrumar, como se você estivesse educando aquelas meninas para ser mãe, para ser dona de casa com pratinho, conjuntinho. E menino não, menino você já tem, por exemplo, uma máscara dessa de um herói, você tem armas, entendeu? É uma coisa assim, mais de luta para o menino se sentir um herói, e a menina não, é uma coisa assim, como estivesse preparando ela pra ser uma dona de casa ou uma mamãe. Eu acho que tem diferença na concepção dos brinquedos (SANDY).

A fala mostra que a mãe percebe diferenças na concepção dos brinquedos, os quais são assimilados aos papéis sociais assumidos por homens e mulheres, segundo o sexo, posto que mesma faz relação do brinquedo que costuma ser destinado para meninas e para meninos com suas futuras atividades e/ou ocupações no espaço público e privado. No entanto, a entrevistada não faz nenhuma crítica ao sistema dicotômico, instituído nos brinquedos. Em outro momento, ela acaba por concordar com essa diferença, quando é perguntado se a mesma permite que seu filho brinque com brinquedos considerados de meninas: Assim... específico de menina, por exemplo, essa aqui que estou dando pra minha sobrinha é... eu não deixaria (risos) se eu visse que é uma coisa de menina, e ele me pedisse, por exemplo, ele me pediu o DVD do cebolinha, mas por exemplo, se ele me pedisse o DVD da polly, eu não compraria. [...] eu não acho interessante pra ele brincar com uma boneca (risos) (SANDY).

Ainda na fala das entrevistadas, foi demonstrado que os pais delimitam não apenas os brinquedos em si, mas, também, os tipos de brincadeiras, impondo às crianças o que é “certo ou errado” segundo o sexo, como “coisa de menina ou coisa de menino”, o que afirma a divisão de gênero e problematiza as relações entre mulheres e homens.

Quando a mãe ou o pai proíbe que o menino brinque com bonecas, é logo acionado da mente da criança que brincar com boneca é errado e não corresponde ao seu sexo. A ver algum garoto brincando com boneca, é logo motivo de chaticotas. Tais comportamentos contribuem para que as crianças se tornem adultos preconceituosos e homofóbicos.

cremos que todas essas apreensões explícitas nos brinquedos são embebidas de alienação, o que faz os pais não perceberem essas contradições e acabem por reproduzir a ideologia patriarcal.

Diante do exposto entendemos que os brinquedos carregam consigo um conjunto de significados simbólicos e materiais que sustentam e afirmam a ideologia patriarcal, instituído a partir de sua representatividade na vida cotidiana das crianças, o mundo dividido em dos polos antagônico que confere os papéis socialmente distintos entre o ser homem e o ser mulher. Em face ao exposto, acreditamos que as apreensões e sentidos, que os pais dão aos brinquedos, contribuem para a reprodução desta ideologia e, portanto, para a manutenção e sustentação da estrutura de poder hierárquico que impõe à mulher a condição de inferioridade, e afirma o poder do homem em todas as esferas da vida em sociedade.

### **Fotos/Imagens dos brinquedos: construção das supostas “diferenças” entre o ser homem e mulher**

Esse item nos convida a pensar os brinquedos como produtores de significados dos valores do sistema patriarcal na infância, posto que este transmite sentidos, definições, concepções relacionados ao gênero, internalizadas nas crianças, apontando o seu lugar no mundo dividido desigualmente ente homens e mulheres.

Com a pesquisa de imagem pretendemos, a partir de uma análise comparativa dos brinquedos, desvelar os significados da ideologia patriarcal subjugado por sistema dicotômico de (des)valores e preconceitos do sistema capitalista-patriarcal.

A pesquisa foi realiza em algumas lojas no West Shopping em Mossoró/RN, no qual tivemos a oportunidade de fotografar os departamentos e seções de brinquedos, e a partir daí perceber contradições na concepção destes.



**Figura 1.** Fotografias de seções de brinquedos

A **figura 1** demonstra como os departamentos de brinquedos são organizados e divididos em seções exclusivas para meninas e para meninos, definidos em tons de cor de rosa e azul, representando dois mundos distintos. O mundo masculino tem a ver com o espaço público, com a liberdade autonomia e supremacia do poder do homem, tido como “superior”. O mundo feminino, por outro lado, está ligado a domesticidade, a maternidade relacionado com a obrigação de cuidar dos filhos (as), a ser dona de casa, e zelo pelo bom andamento da casa.

Ainda na **figura 1** temos a representação dos brinquedos considerados de meninas, representados por bonecas- princesas, boneca-bebê, jogos de panelinhas, pratinhos, cozinhas, kit de limpeza doméstica, entre outros, que estão ligados ao papel da mulher na sociedade capitalista patriarcal. De outro lado, estão os brinquedos considerados de meninos, os quais estão representados por bonecos- heróis, guerreiros, com super poderes, carrinhos, aviãozinho, motinhas, trenzinho, entre outros que estão ligados ao mundo do puro lazer, diversão e aventura.



**Figura 2.** Fotografias de laptops de meninas e meninos

A **figura 2** mostra que brinquedos tidos de meninas, vêm acompanhados de pecinhas com formato de coração, flor, estrela, os quais estão intimamente relacionados com características consideradas femininas, como romantismo, delicadeza, feminilidade, docilidade. Enquanto, os brinquedos tidos de meninos vêm com pecinhas que lembram ferramentas e instrumento tecnológicos, ou melhor, réplicas bem próximas do mundo real dos adultos masculinos.

O designer e os brinquedos em si são ricos de significações sexistas e representações de papéis tidos de homens ou de mulheres como, por exemplo, os kits de salão de beleza, bonecas bailarinas, kits de limpeza doméstica que estão relacionados com profissões majoritariamente femininas, como cabeleira, bailarina e empregada doméstica. Já as significações dos brinquedos de meninos estão em outra dimensão. São constituídos por carrinhos, trenzinhos, miniaturas de postos de gasolina e estão relacionado com o transporte, com o poder financeiro e de consumo dos homens. É possível encontrar também brinquedos espaciais e ferramentas tecnológicas, que sugerem uma apreensão da ciência como espaço exclusivo dos homens.

As estruturas de gênero descritas nos brinquedos são bastante diferentes para homens e mulheres, como podemos observar na **figura 3** e **figura 4**. Vejamos:



**Figura 3.** Fotografias de brinquedos para meninas

As diferenças nos brinquedos tidos como de meninas são percebidas em várias dimensões. Primeiramente nas cores em tons de rosa, relacionada a atmosfera de romance, feminilidade, tranquilidade e inocência infantil. Segundo, nos tipos de brinquedos, como ferro de passar roupas, aspiradores de pó, vasouras, panelinhas e pratinhos. Todos estes são símbolos do espaço doméstico, o qual é tido como espaço feminino. Dessa forma, no sistema patriarcal, o cuidado com a casa e dos filhos é considerado como obrigação e papel da mulher.

Compreende-se, portanto, que o patriarcado se corporifica em bases materiais e simbólicas presentes nos brinquedos, como sistema de dominação e exploração, concebendo a figura da mulher como ser inferior, definida na qualidade de ser mãe e dona de casa.



**Figura 4.** Fotografia de brinquedos para meninos

Na **figura 4** observa-se que a estrutura, as cores dos brinquedos são totalmente distintos dos brinquedos das meninas, posto que a maioria dos brinquedos de meninos são representados em tons de azul, preto, cinza, amarelo, verde, ou seja, tons que representam perigo, mistério, aventura e poder. E no tocante aos brinquedos em si, estes são constituídos por bonecos, heróis, guerreiros, monstrinhos, carrinhos, aviões, que estão relacionados ao significado de ser homem da sociedade, isto é, ser forte, poderoso, guerreiro, em suma, um verdadeiro “homem de ferro”.



**Figura 5.** Fotografia de boneca bebê, e carrinhos com lava rápido equipado.

Novamente, como podemos observar na **figura 5**, os brinquedos para meninas estão relacionados com o espaço da casa, às atividades doméstica, à maternidade e ao cuidado com os filhos. Observa-se que a paternidade está basicamente ausente do mundo dos brinquedos.

Em face ao exposto, podemos perceber que os brinquedos estão intimamente relacionados com os interesses do sistema capitalista-patriarcal, que cuidou de absorver neste um conjunto de significados ligados aos papéis, comportamentos, aptidões, habilidades entre os gênero, e para corresponder a tais interesses, o capital se utilizada de uma relação hierárquica e subalternizada entre os gêneros, no qual confere às mulheres um baixo prestígio social aos submetê-las ao trabalho mais precarizado e desvalorizado, o que contribui significativamente com a aumento das taxas de lucros por meio da superexploração da força de trabalho feminina.

### **Conclusão**

Face ao exposto, podemos perceber que a apreensão do processo de construção social das relações de gênero é complexa, pois envolve um sistema de dominação-exploração que atua em conjunto na perpetuação de uma estrutura de poder no sentido de mascarar a realidade, apresentando os fenômenos como naturais, tomando os aspectos biológicos do “macho” e da “fêmea” para justificar uma suposta diferença entre o feminino e masculino. Dessa forma, consolida-se o essencialismo biológico, o que contribui para a opressão das mulheres e primazia do homem.

Diante da análise das falas das entrevistadas pudemos perceber que os pais levam em consideração o sexo dos(as) filhos na escolha dos brinquedos, ou seja, as supostas diferenças entre “coisa de menina” e “coisa de menino”, atribuindo essa “separação” as características como fragilidade, delicadeza e docilidade das meninas e de força, coragem, criatividade, entre outras, dos meninos.

Nesse sentido, percebemos que as mães entrevistadas, com exceção de uma, educam os filhos(as) às representações hegemônicas de cada gênero, orientando-os a se comportarem como sujeitos femininos e sujeitos masculinos, segundo a ideologia patriarcal. Diante disto, percebe-se que na escolha dos brinquedos, os pais levam em consideração o sexo dos/as filho(as), apreendendo-os aos papéis de gênero, atribuindo as habilitações, atributos, aptidões, comportamentos, segundo o sexo “feminino ou masculino”. Dessa forma, os pais acabam induzindo os filhos(as) às representações hegemônicas de cada gênero, orientando-os a se comportarem como sujeitos “femininos” e sujeitos “masculinos”.

No que se refere à pesquisa de imagem, é possível afirmar que os departamentos de brinquedos são organizados e divididos em seções exclusivas para meninas e para meninos, definidos em tons de cor de rosa e azul, representando dois mundos distintos. Percebemos que os brinquedos considerados de meninas estão associados ao espaço privado da casa, ao cuidado com os filhos(as) e com o marido. Enquanto os brinquedos tidos de meninos estão relacionados ao ser homem na sociedade, como ser forte, poderoso e guerreiro.

Afirmamos a necessidade de se construir uma educação libertária e emancipada, que forme o ser humano numa dimensão crítica, voltada para a defesa da igualdade e da liberdade, numa busca constante de desvelar as relações sociais desiguais de gênero na sociedade capitalista, baseada na educação não sexista. Nesse sentido, cremos na importância da educação libertária, na qual os seres humanos sejam capazes de respeitar as diferenças, sem transformá-las em desigualdades.

Diante do exposto, acreditamos que é possível educarmos os nossos filhos numa perspectiva igualitária, no qual todos possam interagir e brincar juntos, sem construir nenhuma barreira que os separem segundo o sexo, mas que os permitam recrearem nos brinquedos vivências igualitárias, libertárias e democráticas entre homens e mulheres, construindo relações humanizadas, respeitando o outro em suas diferenças e semelhanças, e aceitando como realmente é, em seus desejos e vontades, repudiando todas as formas que os reprimam, que os neguem, que os afastem da expressão do seu verdadeiro “eu”. E como dizia Simone de Beauvoir “que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”.

## Referências

CISNE, M. *Feminismo, Luta de Classes e Consciência Militante Feminista no Brasil*. Tese (doutorado) Programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social*. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gênero e patriarcado: uma relação necessária para o feminismo*. In: Políticas Sociais, Serviço Social e gênero: múltiplos saberes. QUEIROZ, F. e RUSSO, G. (Orgs). Mossoró UERN, 2012. p.147-165.

\_\_\_\_\_. e BRETTAS, T. *Que homens e mulheres educamos?*. In: TAVARES, J. M. C. MARINHO, Z. (orgs). Educação, saberes e práticas no oeste potiguar. Fortaleza, UFC, 2009. p. 61-77

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo, Editora Xamã, 2001.

### Notas

- 1 Discente do 8º período do curso de Serviço Social da Universidade do Rio Grande Norte – UERN. E-mail: camyla\_kitty@hotmail.com.
- 2 Também tentamos entrevistar mães nas lojas do centro comercial da cidade, no entanto, foi inviável, devido ao grande fluxo de pessoas nas lojas, assim como, o tumulto, barulho e desinteresse das pessoas para serem entrevistadas.